

BILINGÜISMO PARA OS SURDOS UMA PROPOSTA EDUCACIONAL

Maria Elena Pires Santos

RESUMO

Este texto pretende apresentar brevemente os conceitos teóricos que fundamentam uma educação bilingüe/bicultural para o surdo e que foram discutidos com professores e pais de surdos da APASFI, com a finalidade de buscar alternativas nesta área.

PALAVRAS-CHAVE

Bilingüismo - Educação - Surdez

O Brasil, por ter a língua portuguesa como língua oficial, falada em todo seu amplo território, é considerado um país monolíngüe, o que leva a crer que todos os brasileiros tenham a mesma língua materna. Como consequência, o mito da homogeneidade lingüística e cultural tem permanecido fortemente arraigado principalmente no âmbito escolar. (1) No entanto, vários estudos têm comprovado uma realidade extremamente plurilíngüe e pluricultural, pois, além do português, são faladas por cidadãos natos brasileiros aproximadamente 170 línguas indígenas, 30 línguas de imigrantes (2) e duas línguas de sinais: uma usada pelos índios Kaapor e a Libras-língua de sinais brasileiros. (3)

Neste contexto insere-se, portanto, a comunidade surda que reivindica o reconhecimento oficial da língua de sinais, por ser esta a língua em que o surdo é capaz de construir sentidos, identificar-se com sua comunidade lingüística e, através desta identidade, inserir-se no contexto social mais amplo dos ouvintes. Negar-lhe este direito é negar-lhe o direito a uma língua natural, já que, por não ser ouvinte, a língua portuguesa só é adquirida em um contexto e educação formal. Isto significa, conforme pesquisas realizadas e depoimentos de professores, que a maioria das crianças

IDEAÇÃO	Foz do Iguaçu	n.1	p. 19-24	jul/dez. 1998
----------------	---------------	------------	----------	----------------------

surdas chegam à escola sem ter língua nenhuma, pois em 98% dos casos são filhos de ouvintes.

Com as propostas educacionais anteriores, (oralismo, comunicação total que, ou proibiam o uso da língua de sinais privilegiado a oralidade, ou tendiam para uma proposta assimilacionista com o deslocamento progressivo da língua de sinais em direção à língua portuguesa), os fracassos escolares eram constantes, o que vem comprovar o que várias pesquisas já divulgavam:

Oblicar a un grupo a utilizar una lengua diferente de la propia, más que asegurar la unidade nacional contribuye a que estos grupos, víctimas de una lengua diferente de la propia, más que asegurar la unidade nacional contribuye a que estos grupos, víctimas de una prohibición, se segreguen cada más de la vida nacional. (4)

Uma proposta de educação bilíngüe/bicultural (5)(6)(7)(8) surgiu como uma alternativa para reverter esta situação justamente porque propõe que o surdo as mesmas possibilidades psicosociolingüística dos ouvinte, com a criação de um modelo que possibilite, através da aproximação da criança surda com a cultura de seu grupo, sua inserção também no grupo majoritário de ouvintes. Para possibilitar o desenvolvimento sócio-emocional íntegro do surdo, tanto a língua de sinais quanto a língua portuguesa devem ter o mesmo estatuto nas práticas pedagógicas.

No entanto, para que o professor possa optar por uma mudança na sua prática educacional, acreditamos que ele deva, em primeiro lugar, conhecer as questões teóricas e ideológicas que subjazem, tanto aos métodos atualmente utilizados quanto aos propostos para uma mudança. Desta maneira, o professor deixa de ser um repetidor de proposta de outros e passa a ser dono do seu próprio saber, evitando até mesmo estar sujeito a “modismos”.

Neste sentido, o objetivo deste texto é apresentar uma síntese dos assuntos discutidos com os professores de surdos (11)

durante o desenvolvimento do projeto “Bilingüismo para os surdos: uma proposta educacional.” (9)

Este projeto foi com dois objetivos principais: a) propiciar aos professores o acesso às teorias lingüísticas que fundamentam as propostas de educação bilíngüe/bicultural em situação de contato de línguas e que, conseqüentemente propõem um bilingüismo também para a comunidade surda; b) dar prosseguimento a estes estudos teóricos observando a aplicação da teoria pedagógica através da pesquisa em sala de aula, com a colaboração das professoras de surdos da APASFI de Foz do Iguaçu (Associação de Pais e Amigos dos Surdos de Foz do Iguaçu).

Uma das discussões centrais girou em torno de desvendar as concepções de linguagem embutidas nas diferentes propostas de ensino para o indivíduo surdo: oralismo, comunicação total, bilingüismo/biculturalismo.

Todo o movimento em torno dos métodos oralistas e comunicação total têm como base uma concepção de linguagem que nega as diferenças e procura a afirmação da normalidade, do padrão, do que é majoritário, privilegiado, portanto, a homogeneidade lingüística em favor da língua portuguesa. Como o surdo não tem a língua portuguesa como língua natural, esta é para ele vazia, sem sentido. O que a educação bilíngüe/bicultural propõe, então, é que o surdo tenha “uma língua em uso, logo”, uma que pressupõe um sujeito em interação com o meio social. Alguém que, na sua diferença, seja socialmente completo”. (10)

A partir desta concepção de linguagem, procuramos definir o que vem a ser o indivíduo bilíngüe: se considerarmos bilíngüe o sujeito que fala duas línguas, teríamos aí uma redução que traria algumas conseqüências danosas para a educação dos surdos. Esta definição se aplica apenas a alguns raros casos de biingüismo perfeito, porque pressupõe o domínio e o uso equivalente de duas línguas, o que raramente se alcança, salvo raros casos de bilinguismo de elite. Quando duas línguas estão em contato, a tendência é sempre uma relação de assimetria entre práticas discursivas dominantes e práticas discursivas

perspectiva e também propiciar uma flexibilidade do professor sobre sua própria prática.

Consideramos esta nossa atuação apenas como uma pequena contribuição dentro de um processo longo e amplo já iniciado pela APASFI como um todo, e que tem envolvido a direção, alunos, pais e professores num esforço contínuo para a otimização do ensino para as crianças surdas. Portanto, não podemos considerar este projeto como concluído, já que este trabalho tem aberto perspectivas em várias direções. Por isso, a continuidade de cursos em áreas específicas da educação dos surdos é extremamente importante porque acreditamos na necessidade da formação contínua do professor. Também estamos cientes de que uma proposta educacional atende às necessidades de um momento sócio-histórico, o que significa dizer que a educação bilíngüe/bicultural não pode ser vista como uma solução definitiva, mas como um processo que com certeza será superado em direção a outras possibilidades.

Notas e referências bibliográficas

1. BORTONI, Ricardo Stella Maris. Problemas de comunicação interdialeto. *In: Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 78/79:9-32, 1986.
2. CAVALCANTI, Marilda; MAHER, Tereza M. Educação bilíngüe: teoria e prática. **IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada**. Campinas, 04 a 06 de setembro de 1995.
3. BRITO, Lucinda Ferreira. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.
4. UNESCO, 1954, apud SKLIAR, Carlos, MASSONE. M. Ignacia; VEINBERG, Silvana. El acceso de los niños sordos al bilinguismo y al bioculturalismo, 19. (mimeo.)
5. BEHARES, Luiz Ernesto. Adquisición inicial del lenguaje oral el niño sordo. Problemas metodológicos y aportes psicolingüísticos. **Atas do IX Congresso Internacional**

da Associação de Linguística e Filosofia da América Latina (ALFAL). Campinas: 1990

6. BRITO, Lucinda Ferreira, op. cit.,
7. QUADROS, R. M. A educação bilíngüe para surdos (língua oral/língua de sinais). 1994. (mimeo.)
8. SKLIAR, Carlos, MASSONE. M. Ignacia; VEINBERG, Silvana, op. cit.
9. Projeto desenvolvido junto aos professores e técnicos da APASFI, com o objetivo de discutir as questões teóricas que fundamentam o ensino bilíngüe/bicultural, em parceria com o Núcleo Regional de Educação de Foz do Iguaçu.
10. MENDES, Paulo Eduardo. As teorias rediscutindo as práticas de alfabetização do surdo: oralidade, gestualidade e escrita. *In Anais do IV Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada*. Campinas: Unicamp, 1995. P. 198.
11. HAMMEL, Rainer H. Determinantes sociolingüísticos de la educación indígena bilíngüe. *In: Trabalho em lingüística aplicada*. Campinas: v.14, p. 16-66, jul./dez. 1989.
12. HEREDIA, Christiane de. Do Bilingüismo ao falar bilíngüe. *In: VERNES, G. BOUTET, J. Multilingüismo*. Campinas: UNICAMP, 1989. P. 204-205.
13. ____.